

# Seminário internacional *Crise, Lutas Sociais e Bem- viver: perspectivas indígenas*

Carolina Salomão

*Doutora em Psicologia pela PUC/Rio. Pesquisadora do LABTeC/UFRJ, da  
Universidade Nômade (UniNômade) e editora da revista Lugar Comum*

Thea Pitman

*Professora de Estudos Latino-americanos da Universidade de Leeds, Inglaterra*

Giuseppe Cocco

*Professor Titular da UFRJ. Coordenador do LABTeC /UFRJ e membro da Rede  
de laboratórios Moitará*

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**Crise, lutas sociais e bem viver: perspectivas indígenas**

**25/09** | Casa da Ciência  
Rua Lauro Müller, 3 - Botafogo.

**14h – 14h30**  
**Falas preliminares**

*Giuseppe Cocco (UFRJ, Brasil)*  
*Thea Pitman (Universidade de Leeds, UK)*  
*ONG Thydêwá (Brasil)*  
*Pueblos en Camino (Colômbia)*

**14h30 – 17h**  
**Conferência: Lutas indígenas na América Latina e o conceito de Bem Viver**  
*Salvador Schavelzon (Unifesp)*

**Moitará – apresentações, trocas e debates com convidados especiais:**

- Representante indígena da iniciativa de comunicação-ação Pueblos en Camino, Colômbia.
- Autoridades Ancestrais de Ployá, Território Sa'th Tama Kiwe, Caldono, Cauca.
- Representantes indígenas e não-indígenas da ONG Thydêwá.
- Representante do movimento ATD Quarto Mundo, Brasil.
- Membros acadêmicos da rede de pesquisa Sumak Kawsay e a Agenda do Desenvolvimento Sustentável.

Logos: University of BRISTOL, AUTONOMA de COLOMBIA, ESDI, THYDÊWÁ, FUNDACIÓN PUEBLOS EN CAMINO, FOS, FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA José Bonifácio

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**Lutas indígenas, bem viver e a crise da noção de desenvolvimento**

**26/09** | Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI)  
Rua do Passeio, 80 – Centro.

**10h - 12h**  
**Mesa - Lutas e saberes indígenas: perspectivas e perspectivismo do bem viver no Brasil, Equador e Colômbia.**

*Alessandro Gonçalves Campolina e Patricia Dini (ICESP/FMUSP)*  
*Problemáticas do Uso Terapêutico da Ayahuasca*

*Carolina Viola (Pontificia Universidade de Quito/Equador)*  
*As lutas indígenas no Equador*

*Pueblos en Camino e Autoridades Ancestrais de Ployá*  
*Colômbia: ¿Podemos vivir bien cuando nos están matando?'*

**14h - 16h**  
**Mesa - Perspectivas de crítica do "desenvolvimento" no Antropoceno**

*Barbara Szanlecki (EsdI/UERJ)*  
*Antropoceno/Multidudoceno*

*Zoy Anastassakis (EsdI/UERJ)*  
*Correspondências entre artistas, ativistas indígenas e estudantes de design na EsdI/Uerj*

*Carolina Salomão (LABTeC/UFRJ)*  
*Uma crítica benjaminiana do progresso*

**17h**  
**Exibição e debate do documentário "Aquí resistimos entre todxs" e convite à produção colaborativa do livro "Mensagens da Terra"**

Entre os dias 25 e 26 de setembro de 2018, foi realizado na Casa da Ciência (UFRJ) e na Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI/UERJ) o seminário internacional **Lutas indígenas, bem viver e a crise da noção de desenvolvimento**. O evento – fruto de uma parceria entre comunidades indígenas, ONGs, movimentos, e universidades,<sup>1</sup> – teve como proposta reunir e debater experiências de lutas e resistências no âmbito latino americano a partir da perspectiva indígena.

De fato, ao longo de 2018, esse grupo heterogêneo constituiu-se numa “rede de pesquisa” com o propósito de investigar os modos e maneiras pelas quais o discurso do “bem viver” estava circulando nas comunidades indígenas brasileiras e colombianas. A temática do *bem viver* foi originalmente sugerida pela ONG Tydewá e adotada posteriormente pelos outros integrantes da rede como uma área onde a pesquisa poderia

<sup>1</sup> O projeto trabalha em parceria com comunidades Nasa (Colômbia); e nove comunidades do nordeste do Brasil (Pankararu, Kariri-Xocó, Xokó, Karapotó Plak-ô, Tupinambá de Olivença, Pataxó Hãhãhãe, Pataxó de Barra Velha, Pataxó de Comexatiba, e Camacam Imboré). As organizações envolvidas são a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade de Leeds, a Universidade de Bristol, a Universidade Autônoma da Colômbia, a iniciativa de comunicação-ação Pueblos en Camino, e a ONG Thydêwá. Estiveram presentes no evento duas Autoridades Ancestrais de Ployá (comunidade Nasa, Colômbia), dois membros da comunidade Pankararu (Pernambuco) e um membro da comunidade Camacam Imboré (Sul da Bahia).

ser conduzida juntamente com iniciativas comunitárias existentes para promover valores, crenças e práticas indígenas. Essas iniciativas têm importância crucial, considerando os contextos políticos voláteis em ambos os estados-nação – Brasil e Colômbia – que ameaçam seriamente a sobrevivência dessas comunidades e suas propostas alternativas de organização social, humana e relações com o meio ambiente. Tais debates buscaram interrogar criticamente o conceito de “*bem viver*” em consequência de sua captura na última década pelos governos de outros estados-nações da região (Equador e Bolívia), e sua crescente cooptação por parte dos políticos, tanto na Colômbia como no Brasil, bem como por outros atores não indígenas, como a Igreja Católica no Brasil. A rede de pesquisa procurou explorar o que está em jogo na potencial confluência de entendimentos indígenas de sustentabilidade que são parte integrante do “bem viver” e da promoção de cima para baixo da sustentabilidade como algo alcançável dentro do quadro de desenvolvimento patrocinado pela Organização das Nações Unidas (ONU), através dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Nesse ponto, vale ressaltar que o evento engloba um projeto mais amplo apoiado pelo “Fundo de Pesquisa em Desafios Globais” do Conselho de Pesquisas em Artes e Humanidades; uma iniciativa que busca alinhar suas prioridades de financiamento de pesquisa com as dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

Assim, no seminário, a noção de *bem viver* operou como uma chave de análise das experiências indígenas a partir da oposição ao modelo de desenvolvimento violento devastador dominante em marcha no continente latino americano. Isso implicou, no entanto, na discussão e problematização do próprio conceito. Na medida em que, o *bem viver* – como destacado em diversas falas que pontuaram o evento, não é algo dado *a priori*, tampouco um modelo ou manual a ser adotado, mas se aproxima mais de uma estratégia construída coletivamente no próprio terreno das lutas. Assim, desinstrumentalizado, o *bem viver* – enquanto movimento e ação coletiva – se oferece como alternativa e modo de resistência frente à destruição permanente e definitiva de povos e territórios ancestrais.

Conforme formulou Salvador Schalvezon na conferência “Lutas indígenas na América Latina e o conceito de Bem Viver”, essas lutas fornecem as bases práticas para pensar alternativas a um determinado modelo de desenvolvimento. A perspectiva do *bem viver* busca romper com o processo alienante da acumulação capitalista pensando a vida

e o viver em outros termos. A partir de uma cosmopolítica, isto é, de uma concepção em que a política não está só a serviço dos homens e seus direitos, mas opera em favor do mundo em toda a sua pluralidade, a natureza deixa de ser mero recurso e adquire direitos. As lutas de resistência dos povos e das múltiplas nacionalidades indígenas se oferecem, portanto, como campo para repensar a própria noção de desenvolvimento (e, consequentemente progresso).



Desse modo, os dois dias de evento, foram dedicados à escuta, trocas e aprendizagem a partir de experiências e relatos de representantes indígenas, ativistas e acadêmicos acerca das lutas travadas por povos e nacionalidades indígenas da América Latina contra um determinado projeto de desenvolvimento que se impõe e se faz presente tanto nas capitais globais quanto nas periferias urbanas e rurais e nos territórios indígenas. Esse modelo atua de modo sistemático a partir de práticas perversas que conjugam assassinatos, cooptação e ameaças aos povos e lideranças resistentes. Trata-se de um *projeto de morte* – perpetrado pelo Estado, com frequência em aliança com grupos paramilitares e o narcotráfico – que visa subjugar a cultura, a história e as resistências

indígenas, a partir do extermínio de suas lideranças e expropriação de seus territórios que em alguns países são a última barreira para implantação de megaprojetos energéticos e de mineração.

A América Latina constitui uma das maiores e mais importantes reservas globais de recursos naturais. A China, enquanto segunda maior economia do mundo, identificou no continente e no projeto desenvolvimentista em curso na região, cenário privilegiado para implementação de grandes projetos de investimento público. Nos últimos anos, a China se converteu num dos principais parceiros comerciais de países latino americanos – como Argentina, Bolívia, Brasil, Equador e Venezuela – tendo destinado à região 125 bilhões de dólares em empréstimos.<sup>2</sup>

Assim, no Equador, conforme relatou Carolina Viola, a luta indígena se traduz na resistência à ofensiva estatal de implementação de megaprojetos – energéticos e extrativistas – fruto dos fluxos de investimento e da expansão do capital chinês no território equatoriano. Cartograficamente, os espaços de intervenção estatal se sobrepõem aos territórios indígenas, como é o caso da jazida de mineração na Cordilheira do Condor, que afetou o povo Shuar – com remoções e desalojamento sob força militar do governo de Rafael Corréa<sup>3</sup> – e da Hidrelétrica Coca Codo Sinclair, na província de Napo. Esses projetos refletem a mudança da matriz econômica, energética e produtiva do Equador, isto é, a adoção de um modelo desenvolvimentista transnacional que sob o verniz do *progresso* (modernização, desenvolvimento técnico, científico) promove uma série de violações de direitos nas metrópoles e nos territórios, evidenciando a crise da noção de desenvolvimento.

É exatamente isso que denunciam os representantes colombianos da iniciativa comunicação-ação *Pueblos en Camino*. Alinhados à noção de *bem viver*, lideranças e representantes indígenas relatam as experiências de resistência contra a apropriação, acumulação e conversão em mercadoria dos bens comuns do povo Nasa, no Departamento do Cauca. A iniciativa apoiou uma ampla gama de eventos, a maioria dos

---

<sup>2</sup> VIOLA REYES, Carolina. Territorios y cambio estructural en hábitats periurbanos: Coca Codo Sinclair, inversión china y el cambio de la matriz energética en el Ecuador. *Revista Ciencias Sociales*, v. 1, n. 38, p. 67-84, 2016.

<sup>3</sup> Vale ressaltar, que o presidente eleito em 2006, teve como foco de campanha os direitos indígenas e a sustentabilidade ambiental. E foi em seu governo, em 2008, que a natureza ganhou status de sujeito de direitos na constituição federal em decorrência da Revolução dos Cidadãos. O movimento incorporou as noções de *bem viver* como modelo alternativo de desenvolvimento.

quais focados na conscientização e mobilização política em torno de como praticar o *bem viver* em comunidades indígenas autônomas no contexto de uma Colômbia pós-Acordos de Paz, ou em questões específicas, como o impacto humano e ambiental do projeto da barragem de Hidroituango.

Na Colômbia, aproximadamente 110 povos indígenas resistem à ofensiva desenvolvimentista da indústria extrativista, de grupos paramilitares e do Estado. Em conjunto – governo e grupos criminosos – utilizam estratégias de terror e guerra como massacres, execuções, perseguições e sequestros. Uma investigação realizada entre 1958 e 2012, dá conta de 220 mil assassinados e 25 mil desaparecidos, entre camponeses, indígenas, negros, sindicalistas, líderes comunitários, comunicadores populares e defensores dos direitos humanos. Os ativistas reconhecem na união entre os povos o tecido de resistência. Por isso, desenvolvem táticas de comunicação entre indígenas, lideranças sociais e populares para construção coletiva de estratégias de visibilidade da luta indígena contra a manipulação da informação e seus discursos – associação às FARC, identificação como terrorista são as mais recorrentes – e em defesa do território e dos bens comuns.

Do mesmo modo, nas experiências e relatos dos povos Pankararu e Camacam Imboré, no Brasil, identificamos uma luta por autonomia, proteção e valorização de seus saberes ancestrais. As falas mobilizadas pelos representantes – Atiã e Maria Pankararu – evidenciam a tensão consciente entre o desejo de preservação dos territórios e valores culturais (compartilhados por professores indígenas) e a reivindicação – sem consenso – pela ocupação de outros espaços: institucionais, políticos, acadêmicos, no esforço de subverter às tradicionais estruturas de poder.



Nesse ponto, cabe ressaltar a importância da linguagem - tanto o uso de terminologia específica nas línguas europeias dominantes em questão, quanto o uso de línguas indígenas em si - como um componente essencial de uma abordagem crítica e criativa do *bem viver* que busca evitar a cooptação. A comunidade Nasa tem uma longa história de resistência à cooptação pelo estado e uma das características dessa luta é evidenciada, não apenas pela conservação de sua língua indígena, a Nasa Yuwe, mas pela opção por usar a língua espanhola como uma maneira de resistir à fácil assimilação em estruturas dominantes. Isso se evidencia na divisão da Asociación de Cabildos Indígenas do Norte do Cauca de seus diferentes “grupos de trabalho” em “tejidos” (tecidos), um termo deliberadamente incômodo com relação às estruturas organizacionais padrão, mas que se posiciona como especificamente indígena através de sua referência à tecelagem, uma característica extremamente importante da vida cultural da comunidade Nasa. O uso de palavras e neologismos incomuns tais como “pervivir/pervivencia” (para “sobreviver” ou “sobrevivência”) e 'sentipensar' (para sentir-pensar) também são dignos de nota: embora não sejam de origem indígena, eles têm sido adotadas como características distintivas do léxico do discurso indígena na Colômbia nas duas últimas décadas. A expressão popular "caminar la palabra" ("andar a palavra"), também dá uma sensação de autoconsciência na comunidade Nasa com respeito à importância das palavras e como elas podem ser mobilizadas.

Quando se trata da discussão do "bem viver", o termo usado na Nasa Yuwe é "wët wët fxi'zenxi", que é mais frequentemente traduzido para o espanhol, não como "buen vivir", mas como "buenos vivires", um conceito plural. Essa pluralidade é crucial - ela sempre permite o espaço para que o “bem viver” seja algo mais do que aquela parte que pode ter sido cooptada e fixada no discurso oficial. Como Vilma Almendra observou durante um de nossos seminários internacionais, "não acho que exista uma definição exata ou concreta do que são "buenos vivires". Em vez disso, "buenos vivires" são "iniciativas e práticas que estão além das estruturas institucionais"; "Não é uma fórmula, não é um conceito fechado; em vez disso, é uma prática concreta em um determinado momento que temos que assumir para sobreviver"<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Para mais detalhes, também se pode consultar: QUIGUANÁS, Vilma Almendra. **Entre la emancipación y la captura: memorias y caminos desde la lucha nasa en Colombia**. Pensaré Cartoneras, 2017: 249-259.

No caso das comunidades indígenas no Brasil envolvidas na rede de pesquisa, todas foram declaradas oficialmente extintas pelo governo brasileiro no final do século XIX. Elas foram "encorajadas" a assimilar culturalmente e racialmente com outros grupos, a abandonar as crenças tradicionais e adotar a fé católica, e a esquecer suas línguas indígenas à medida que eram educadas por meio do português. Embora, ao longo dos últimos cem anos, essas comunidades tenham feito avanços significativos na reafirmação de suas identidades indígenas e de terem seus territórios oficialmente demarcados, na maioria dos casos já era tarde demais para resgatar seus idiomas. No entanto, há evidências de "reinvenção" linguística atualmente acontecendo em algumas dessas comunidades. As mais estudadas até hoje são as comunidades Pataxós do sul da Bahia / norte de Minas Gerais e sua (re)criação da língua Patxohã.<sup>5</sup> Todavia, dentro da rede de pesquisa, os Kariri-Xocó também estão engajados em um processo similar para reviver/reinventar criativamente uma linguagem à qual se referem como Dzubukuá Kipeá. Eles têm uma escola de idiomas para crianças na comunidade e também usam o WhatsApp como um meio para distribuir listas de palavras e outros materiais para adultos interessados em desenvolver suas habilidades linguísticas. Um dos principais resultados da rede de pesquisa foi a identificação dessa prática como um exemplo concreto de *bem viver* - de 'kanewiá' em Dzubukuá Kipeá - e a busca por formas de apoiar esse processo de fortalecimento da comunidade através de uma "retomada" linguística.

Ainda no campo da linguagem, a realização do seminário no espaço acadêmico fomentou o debate crítico a respeito dos espaços de produção de discurso, da apropriação das lutas e da construção da história de uma perspectiva colonizadora. O interesse acadêmico e o trabalho de pesquisa acerca das realidades indígenas foram problematizados a partir da clivagem metodológica do *pesquisar com x pesquisar sobre*. O trabalho de pesquisa com estudantes de design, artistas e ativistas indígenas desenvolvido no âmbito do Laboratório de Design e Antropologia, da Escola Superior de Desenho Industrial (UERJ) refletiu a possibilidade de um encontro inventivo entre prática acadêmica e ativismo.

Ainda no contexto da interlocução entre academia e lutas sociais, Walter Benjamin se apresentou como interlocutor fecundo para tecer uma crítica ao projeto

---

<sup>5</sup> Para mais informação, ver Núcleo de Pesquisa Linguísticas, Grupo de Estudos em Linguística e Antropologia, 'Patxohã', <http://nupeli-gela.weebly.com/patxohatilde.html>.

desenvolvimentista denunciado nas falas que permearam o evento. Escovando a história a contrapelo, isto é, pensando-a a partir da perspectiva dos vencidos em oposição à história oficial do “progresso”, somos convocados a adotar uma concepção de história que recuse qualquer identificação com os triunfalistas dessa ideologia, e que, de modo inverso, faça justiça à história e memória dos vencidos. Os dois dias de encontro nos colocaram em contato com a história “não-oficial”. Como o anjo da história benjaminiano encaramos a tempestade do progresso evidenciada nas lutas de resistência das nacionalidades indígenas do Cauca contra a perseguição do Estado, vimos a catástrofe de Belo Monte, na bacia do Xingu, assim como a tragédia ambiental nas cordilheiras equatorianas. Rememoramos – a partir do relato de Tibiriça, da Aldeia do Cachimbo – o massacre contra o povo Camacam Imboré na Bahia, no século XIX, e as violências e violações recentes denunciadas pela levante popular de junho de 2013, no Brasil. Acatando a advertência de Benjamin que nos lembra que não podemos lutar pelo futuro se não temos memória das vítimas do passado, rememoramos os removidos, os escravizados, os desaparecidos, os encarcerados e os mortos da ideologia do progresso.

Assim, na recordação e nos relatos de resistência ecoamos a crítica benjaminiana do progresso e identificamos a chave de articulação com noção de *bem viver*. No sentido que as lutas narradas no evento são simultaneamente contestatórias e propositivas de outro modelo de desenvolvimento, de outra relação com a cidade, com a natureza, e reivindicam a afirmação de outras e múltiplas formas de vida.

No final do seminário foi apresentado um vídeo sobre a resistência e as lutas dos Nasa, na Colômbia. Para além de uma apresentação geral da comunidade, de suas lutas, o vídeo apresenta duas situações: em uma, os indígenas participam de um mutirão pela erradicação do cultivo de plantas de maconhas em seus territórios, em outra apresentam a captura de um grupo de paramilitares por tentativa de assassinato de uma liderança indígena. Nos dois casos, a resistência associa de maneira original a determinação da comunidade em defender sua autonomia e a clara estratégia de não cair nas armadilhas da militarização e do tráfico. A experiência Nasa é especialmente produtiva quando olhamos a partir da perspectiva brasileira (e do resto da Colômbia), onde o dispositivo da proibição alimentou e alimenta uma guerra sem fim e sem fins, uma regulação necropolítica dos pobres que impede toda construção de um movimento autônomo e trava o próprio processo democrático. A captura dos paramilitares por meio da

mobilização total do território indígena, onde as armas “espirituais” se recusam à “crítica das armas” fica como um exemplo potente de um modo de se enfrentar de outra maneira o enigma político que enfrentamos em todos os países da América Latina. As lutas indígenas da Colômbia e do Brasil, produzindo uma nova noção de “bem viver” não apenas constituem uma resistência de peso contra os retrocessos, mas renovam não apenas o horizonte da política, de uma política inteiramente voltada ao pleno aproveitamento do prazer da vida. A própria fundação da filosofia política moderna, com Marsílio de Padova, se define – lembra Giorgio Agamben – pela retomada a fins políticos do conceito averroïsta de “vida suficiente” e de “*bene vivere*”, uma vida que nessa medida alcança a perfeição de sua comunicabilidade e sobre a qual o poder soberano, o poder das armas, não tem mais nenhuma eficácia<sup>6</sup>.



<sup>6</sup> *Moyens sans fins*: notes sur la politique, Rivages, Paris, 1995, pp. 126-7.

